
Entrevistado/a: Maria Aparecida Hoffmeister

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 22 de maio de 2025

Local: EMEF Professora Maria Gusmão Brito (São Leopoldo)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e vínculo com a comunidade

Maria Aparecida Hoffmeister, é conhecida na comunidade escolar como “Profe Cida”, é diretora da EMEF Gusmão Brito e possui uma trajetória de 39 anos de atuação contínua na instituição. Sua longa permanência na escola consolidou um vínculo com o espaço escolar, com os estudantes, com o corpo docente e com a comunidade atendida.

A ocupação inicial da escola para abrigo e apoio

A entrevistada relata que a escola foi colocada à disposição como abrigo a partir de articulações prévias com a Secretaria Municipal de Educação, diante das informações que já indicavam a gravidade do evento climático. Na madrugada em que as famílias começaram a chegar, a escola abriu suas portas para acolher os primeiros atingidos, muitos deles resgatados pelo Exército em situação de choque, feridos e sem pertences. “Cida” descreve o início do abrigo como um momento de improvisação e aprendizagem diária, no qual ações básicas de acolhimento, registro, alimentação e cuidados de saúde foram organizadas de forma emergencial.

A atuação voluntária

“Cida” esteve à frente da coordenação do abrigo, permanecendo longas jornadas na escola e assumindo decisões complexas em um cenário desconhecido. Sua

atuação envolveu a organização dos espaços, o acolhimento direto das famílias, a articulação com voluntários e o recebimento de doações, além do cuidado com pessoas feridas e emocionalmente abaladas. Mesmo tendo grande parte de sua família diretamente atingida pela enchente, a entrevistada manteve-se à frente das ações.

A reconfiguração da escola em abrigo

A EMEF Gusmão Brito acolheu aproximadamente 185 pessoas, provenientes de diferentes bairros de São Leopoldo, especialmente das regiões mais afetadas pelas cheias. A escola foi reorganizada para atender às necessidades emergenciais, com salas abertas para acolhimento, espaços destinados à alimentação, curativos e convivência. A entrevistada destaca a mobilização da comunidade, com a chegada contínua de doações, alimentos prontos, materiais de higiene e apoio voluntário. Ressalta ainda a realização de atividades culturais, recreativas e religiosas, voltadas a adultos e crianças, que contribuíram para a construção de um ambiente de acolhimento, integração e cuidado.

O encerramento do abrigo

O encerramento das atividades do abrigo foi seguido por um processo sensível de retomada das aulas, marcado pelas perdas materiais, emocionais e humanas enfrentadas por professores, estudantes e suas famílias. “Cida” enfatiza que muitos membros da comunidade escolar precisaram de acompanhamento psicológico após o período da enchente. A diretora destaca que o retorno às atividades pedagógicas exigiu diálogo, escuta e empatia, configurando-se como um momento de recomeço coletivo.

Aprendizados e percepção sobre a experiência

Ao refletir sobre a experiência, “Cida” ressalta que a atuação da escola como abrigo fortaleceu sentimentos de empatia, solidariedade e amor ao próximo. Destaca que, apesar da dureza da experiência, o abrigo se constituiu como um espaço de humanidade e dignidade. A entrevistada afirma que, caso uma situação semelhante volte a ocorrer, sua postura seria a mesma, reafirmando o papel social da escola para o acolhimento e cuidado.